

TERÊNCIO SONY

# memórias da primária



TERÊNCIO SONY

# memórias da primária



**Copyright©Terêncio Sony, 2022**

**Título:** Memórias da Primária

**Autor:** Terêncio Sony

**Edição e Paginação:** Embondeiro Editora

**Execução gráfica:** Embondeiro Editora

**Tel:** +244 926 454 647

**E-mail:** editoraembondeiro@gmail.com

**Design de capa:** Bondi Kiala

**Revisão:**

José Kaia

**Marketing e publicidade:**

Kuvala: Serviços de Psicologia e Educação

Cátedra

**1ª Edição:** Luanda, Setembro de 2022

**ISBN:** 978-989-53736-3-5

---

É expressamente proibida a reprodução de qualquer parte do texto, seja por quaisquer meios, sem autorização por escrito do autor.

Para minha Escola Primária, na qual vivi os melhores  
momentos da minha adolescência.

*“Estudante, jamais considere seus estudos como uma obrigação, mas como uma oportunidade invejável para aprender a conhecer, a influência libertadora da beleza do reino do espírito, para seu próprio prazer pessoal e para o proveito da comunidade à qual seu futuro trabalho pertencer “*

**Abert Einstein**

\*\*\*

— Boa tarde, senhora! — saudou — desejo falar com a directora Henda. — explicou Jorge Benedito.

— Boa tarde! Ela, encontra-se numa reunião agora. podes esperá-la. — respondeu a secretária. — senta-te nesta cadeira por favor. — orientou.

— Está bem, muito obrigado! — agradeceu Jorge Benedito e expulsou o seu desejo no instante — ao invés de sentar, prefiro dar uma volta ao pátio da escola, enquanto espero. É possível? — perguntou.

— Claro que sim. — a secretária, correspondeu positivamente.

Jorge Benedito, pegando delicadamente no puxador dourado, abriu a porta de madeira da secretaria e dirigiu-se ao pátio da escola primária nº 1038, famosamente conhecida por Escola Nova. A cor rosa, ornamentava as paredes da escola, situada no município de Talatona, a poucos quilómetros do litoral. A passos lentos, Jorge Benedito, de um metro e noventa, foi caminhando, caminhando com os olhos bem fixos em cada detalhe que ilustrava a beleza daquela instituição de ensino. Quando chegou no final do

pátio, deparou-se com uma porta de dois metros ao quadrado que dava acesso ao campo de futebol e as quadras multiusos. Aquela, era a parte da escola onde os alunos registravam os seus melhores momentos de diversão desportiva.

Jorge Benedito passou pela porta, sentou na dupla bancada de torcida, do lado de frente, servia para ver as quadras multiusos, e do lado de trás, o campo de futebol de terra vermelha. Levou a mão direita à bochecha, fechou os olhos e entregou-se ao silêncio profundo.

— Pessoal, pessoal, trouxe uma equipa da minha *banda*<sup>1</sup> que desejam jogar connosco. — comunicou intusiasmado, Michelino. — podemos jogamos contra eles? — perguntou aos seus colegas de equipa.

— Boa ideia, aceitamos. — os colegas da equipa 1038, responderam em coro.

Com o acordo feito, cada equipa seleccionou os seus melhores jogadores, a partida começou sem rodeios. O apito do árbitro souou quando o relógio marcava oito horas e dez minutos. No campo da Escola 1038 a magia do futebol, o espírito desportista que instalava-se nos corações de cada

---

<sup>1</sup> Bairro

aluno e a boa convivência cultivada pela maioria durante anos, tornavam os momentos inesquecíveis e prazerosos. Os mais hábis mostravam o que valiam no campo e os inábis limitavam-se apenas na torcida apoiando os seus amigos e colegas de turma.

— Passa, passa, passa! — pediu Roger, a bola ao seu colega de equipa Pachola.

Pachola, depois de desequilibrar o meio campo da equipa adversária, direccionou a bola com um cruzamento certo para ala direita, onde estava Roger em posição de desmarque. Roger, recepcionou a bola preta e branca com o peito e posteriormente, com um movimento acrobático e clássico de bicicleta, pôs a mesma na rede da balisa da equipa adversária.

— Golooooo! — gritavam eufóricos, os atletas e adeptos da Escola 1038.

A euforia tomou conta da torcida dos anfitriões, pois, era objectivo da equipa da Escola 1038 vencer o jogo para que ganhasse o respeito e admiração dos demais colegas. Outrossim, uma vitória, seria uma grande motivação para que a mesma participasse no campeonato municipal que se avizinhava.

— Oh lelê! Oh lalá! Vieram com muito ar, beberam *xixi*<sup>2</sup> de porco! — entoava a torcida da equipa 1038, com batucadas de bidões e latas de gasosas.

A equipa da Escola Nova, aos minutos oitenta, já ganhava por quatro bolas a uma. Com a vantagem, cada jogador, sentia-se inspirado em mostrar os toques mais peculiares e fascinantes que se podia fazer com uma bola casada aos pés, o que tornava a partida num verdadeiro espectáculo de futebol. O talento daqueles adolescentes era realmente inquestionável.

— Parabéns equipa! jogamos muito bem. — disse o capitão Roger — que tal irmos a praia do pôr-do-Sol para festejar a nossa vitória? — sugeriu.

— Vamos, vamos sim, capitão! — concordaram em unanimidade os colegas da equipa.

Os jogadores da equipa da Escola 1038 em companhia de alguns adeptos, dirigiram-se a praia para um mergulho comemorativo, alusivo a grande vitória. As idas a praia do pôr-do-sol eram uma costante, ou seja, uma tradição. Cada aluno, comprava a sua *magoga*<sup>3</sup> e uma *bebe me deixa*<sup>4</sup>. Para

---

<sup>2</sup> Urina

<sup>3</sup> Pão com frango, salada de repolho e maionese

<sup>4</sup> Refrigerante

eles era a junção perfeita para agradar o estômago depois dos mergulhos. Chegaram à praia, começaram todos com a festa. Alguns, atiraram-se com as suas mochilas na areia aquecida pelos raios-de-sol chamejantes e, outros vencidos pela ansiedade mergulharam com as roupas .

— Uau! — exclamou Michelino. — a água está fresca e muito limpa. — concluiu, mergulhando o corpo.

— Não vou banhar. — disse — não sei nadar. — expressou sua tristeza, Salésia.

— Que pena! — confortou-lhe — posso ensinar-te! — sugeriu, Michelino.

Entraram todos no mar, desfrutando com muita alegria os encantos daquela praia. Até mesmo Salésia que não sabia nadar, não resistiu diante da felicidade convidativa daqueles que estavam dentro da água fazendo diversas brincadeiras, dentre elas: competição de natação, vai dar namoro, construção de torre e teste de resistência dentro da água.

Na época, os amigos do alheio eram os detentores do poder naquele recinto, eles mandavam e desmandavam. Porém, só se podia tomar banho na dita praia com a autorização deles. E tal autorização era motivada pelo

pagamento de uma taxa mínima de cem kwanzas. Até parecia uma coisa de lei, lei para os mais vulneráveis.

A equipa da Escola 1038 sabia deste pormenor. Mas deixou-se guiar pela emoção e fé de que escapariam do ataque dos miliantes naquele dia. Ir aquela praia e voltar em casa com todos os pertences ou valores monetários, era motivo de nobilitar Deus. Não pagar os cem kwanzas era infligir a lei sagrada da marginalidade. Lei que humilhava, desrespeitava, endividava e senteciava. Quem assim determinou não brincava *fatigava*<sup>5</sup>.

— *Xe mós putos*<sup>6</sup>! — intimidou-lhes — quem vos mandou banharem aqui? — perguntou o líder do grupo, com uma catana apoiada no ombro esquerdo.

— Ewééé! — exclamaram todos assustados — é você, é você, é você! — culpabilizavam-se uns aos outros.

A Escola 1038 era uma referência no município em que estava localizada, era a escolha da maior parte dos adolescente que estavam ávidos em ingressar numa instituição de ensino com regime público naquele tempo. O desporto era uma das actividades extras-curriculares mais praticadas e veneradas dentro da escola. O intercâmbio de

---

<sup>5</sup> Ferir o corpo.

<sup>6</sup> Atenção miúdos.

valores entre alunos e professores era também cultivado com bastante afínco. Desde o primeiro dia de aulas, foi apresentada para os alunos a possibilidade de diálogo entre âmbos, na perspectiva de o aluno olhar o professor como seu segundo pai.

O professor Da Cruz, conselheiro, da sua boca advinham sábias palavras e ricos provérbios. Este exercício, fazia sempre parte do seu plano de aula. Professor Da Cruz, era um homem de muita sabedoria e experiência de vida, com o que dizia conseguia levar os seus alunos a mais alta reflexão. Ora na turma, ora na parada geral antes da entoação do hino Nacional de Angola. Todos o adoravam.

— Quem vos mandou banharem aqui, porra?! — perguntou impacientemente o assaltante pela segunda vez.

— Niguém meu *Kota*<sup>7</sup>! — respondeu — como não vimos os *Kotas* aqui, pensamos que podíamos banhar. — justificou o capitão Roger, com voz tímida, lábios secos de medo e as mãos a tremerem.

O outro miliante, aproximou-se da beira e disse-lhes:

---

<sup>7</sup> Mais velho.

— Começam já a recolher todos os *baicas*<sup>8</sup> e havainnas, agora. Se não todos irão com feridas em casa, *Buluzentos*<sup>9</sup>! — ordenou, passando a catana na água.

Todos ficaram assustados. Enquanto Zébulula saía da água para cumprir a ordem do assaltante. Macon, o mais ágil do grupo, aproveitou-se dos minutos de distração dos bandoleiros para architectar a fuga. Sem dar a conhecer aos colegas. Saiu da água veladamente, pegou rapidamente nos seus pertences e colocou-se em fuga com a velocidade de um cavalo maluco. Tentou a todo custo apanhá-lo um dos assaltantes, este, não conseguiu correr na mesma velocidade que ele. Tampouco suportou a humilhação de Macon, que baixou a cueca e mostrou-lhe as nádegas após perceber que já não o pegaria.

— Pode fugir, um dia vamos te apanhar, seu filho da puta! — disse o assaltante, respirando aceleradamente com as mãos no peito.

Zébulula, pegou todos os pertences que lá estavam e entregou para eles, incluindo os seus lanches. Somente deixaram as suas roupas para que não fossem pelados em casa. A turma perdeu todo o ânimo de continuar com a

---

<sup>8</sup> Telefones

<sup>9</sup> Burros.

actividade, todos ficaram mui cabisbaixos e decidiram sair da praia architectando na mente mentiras que justificassem a ausência dos seus pertences aos pais. A oportunidade de viver os melhores eventos da vida na companhia de colegas e amigos falava mais alto do que o medo. Por conseguinte, quem entrava na aventura, desfrutava com muita intensidade como se fosse o último dia.

— Macon é um covarde. No perigo abonada os amigos e se salva sozinho, isso é feio. — comentou decepcionada Salésia, com os demais colegas.

\*\*\*

Na segunda-feira, estavam todos eles na escola para mais um dia de aulas.

— Com licença, senhora professora! — batendo a porta, pediu Zébulula.

— Entra. — permitiu-lhe a professora.

— Bom dia, colegas! — saudou com um sorriso no rosto, Zébulula.

— Bom dia, colega atrasado! Senta no teu lugar. Preguiçoso, dorme muito! — responderam em coro os colegas, em alto e bom som.

Zébulula entrou na turma envergonhado por se ter atrasado. Mas o que chamou atenção dos seus colegas e da professora, foram os óculos que ele estava a usar. Óculos que no lado esquerdo tinha lente e no directo nem por isso.

— Ó menino, Zé! O que é isso afinal de contas na tua cara? — perguntou a professora, boquiaberta.

Zébulula parou no centro da sala de aulas, direccionou a cabeça ao teto acompanhado de um suspiro e respondeu:

— Professora, estes óculos são muito especiais para mim. — parou por alguns minutos para tirá-los do rosto, e continuou — a parte escura representa a minha bravura e, a parte que está sem lente representa o meu amor pela colega Lândia. — concluiu atirando uma rosa artificial de cor vermelha para Lândia, que estava sentada na primeira carteira da fila do centro da sala.

— Eh! O amor está no ar! — sorrisos e assobios, acompanharam o cometário de alguns colegas.

A professora não conteve o sorriso de admiração, ficou completamente descontrolada. Para recompor-se, teve que ir por alguns minutos a sala dos professores que ficava a três passos da sala dois em que estava.

— Xé coleguinha Zébulula! — exclamou Lândia, milindrosamente. — estás maluco, né? — perguntou-lhe com os seus lindos olhos grossos acesos e virados na lateral esquerda.

— Eu te amo, Lândia! Pode me dar mesmo olhada. — confessou mais uma vez Zébulula, o seu amor com firmeza e inefável paixão.

— Mas eu não te amo. Procura outra pessoa, não fazes o meu tipo. — barrou categoricamente, Lândia.

— *Mboa*<sup>10</sup>, sabes que a minha tropa é que comanda toda escola. No fim do ano não vamos acudir nenhuma *mboa* que deu “Não” nos rapazes dos Vaga-Oba. Estou já avisar. — alertou Zébulula, triste com a rejeição pública.

Enquanto decorria o episódio da declaração do amor de Zébulula para Lândia, estava o professor Da Cruz a procura do Macon, furiosamente.

---

<sup>10</sup> Mulher

A professora que fora rir na sala dos professores para recompor-se, voltara mais calma e ordenou que Zébulula se sentasse e deu por começada a sua aula. Minutos depois, ouviu o som da porta novamente. Era o professor Da Cruz que estava por trás dela. A professora Tânia parou de explicar e dirigiu-se até a porta.

— Boa tarde, professora Tânia! — cumprimentou professor Da Cruz, dando a mão para colega. — posso falar com os alunos por algum instante? — pediu seriamente.

— Boa tarde, chefe! Claro, tenha a bondade. — respondeu, professora Tânia.

O professor Da Cruz entrou na sala de aulas acompanhado de uma menina que frequentava a sétima classe no período matinal, e uma mangueira amarela na mão direita. Cumprimentou os alunos e frisou de seguida:

— Depois da parada geral, chegou-nos uma informação sobre o compartimento negativo de um aluno desta turma.

— Essa colega não estuda de manhã?! — Sussuraram dois alunos.

Instaurou-se o clima de tensão na sala, para alguns era ilusão do professor e para outros, o começo de um

momento de pura diversão. Quando os olhos da maioria viram sair do bolso traseiro das calças do professor uma lapiseira de cor vermelha, os nervos convidaram imperativamente a todos, a uma autoanálise sobre o proceder na semana transcorrida, nervos que provocaram disenteria ao sujeito cuja carapuça servira.

— Com licença, senhora professora! — solicitou Macon , com o tronco superior para baixo e as gêmeas mãos sobre a barriga.

— Ei! Onde pensas que vais, general Macon? — demandou ironicamente professor Da Cruz, parando-o a poucos passos da porta.

— Vou no W.C, professor! Estou bem apertado. — respondeu aflitamente, Macon.

O professor Da Cruz olhou para ele, abanou triplamente a cabeça e articulou:

— Macon, o motivo que me trouxe aqui é você. Primeiro vira para os teus colegas e abotoa essa tua bata que parece uma blusa de tão pequena que é.

Macon, resmungando, seguiu a orientação do professor. Quando terminou de abotoar a bata, o professor Da Cruz prosseguiu:

— O vosso colega, o general, o pai grande das *makas*<sup>11</sup> de toda escola, ontem agrediu esta menina, porque negou-lhe um pedido de namoro quando ela regressava para casa. — introduziu — lembrar que, não passa de dois dias que o mesmo indivíduo roubou o lanche de duas alunas da turma D — finalizou.

Após as palavras do professor Da Cruz, equalizaram distintas gargalhadas na sala. Gargalhadas que marcaram toda uma temporada de convivência entre os alunos e os professores, uma convivência tatuada pelo amor e a competência que a instituição oferecia aos seus alunos.

— Professor, me deixa ainda ir na casa de banho, depois vamos resolver isso. Estou mesmo mal! — implorou Macon.

— Professor, lhe deixa só sair! — interviu Zébulula, a favor do seu amigo — se calhar essa colega está a mentir, o meu amigo não bate em mulheres — advogou.

A menina ao ouvir o comentário de Zébulula, franziu o rosto, como sinal da sua ira e limitou-se num silêncio absoluto. O professor Da Cruz consentiu a saída de Macon da sala de aula, e este correu até a porta soltando já

---

<sup>11</sup> Problemas.

algumas fratulências. Em poucos minutos estava ele na casa de banho que ficava na última porta do corredor ao lado da cantina da instituição.

Passados quinze minutos, comentou a professora Tânia já meio irritada pela interrupção demorosa da aula:

— Mas a pessoa que foi na casa de banho até agora não volta?

— É verdade, isso está estranho. — falou professor Da Cruz. — Albertina, vai lá ver o teu colega. Diz para ele se não aparecer aqui em um minuto saberá que está reprovado antes de ver os resultados finais. — chefiou.

Albertina, levantou da sua cadeira, e foi procurar o colega. Chegando na porta do balneário masculino, chamou por ele variadíssimas vezes e não recebia nenhum feedback, dava a entender que o Macon lá estava. Quando um colega aproximou do balneário, pediu-o encarecidamente que verificasse a presença de alguém. Pois, era extremamente proibido o acesso de meninas na zona íntima dos rapazes e vice-versa. O colega simpaticamente sorriu para ela e aceitou o pedido.

— Não tem ninguém aqui, colega. — disse o colega.

— Sério?! — exclamou Albertina. — mas esse Macon foi aonde, meu Deus? Depois o professor Da Cruz vai pensar que estou a lhe esconder e vai sobrar para mim. — pressagiou com as mãos na cabeça.

Insatisfeita com a ideia de não conseguir cumprir a missão que lhe tinha sido dada, Albertina continuou a procurar por Macon em todos os cantos da escola. Foi para os campos e nada. Foi para a área da segurança e nada. Foi para área do estacionamento e nada. Macon desapareceu misteriosamente.

— Eh nada, dessisto! — rendeu-se Albertina, cansada depois de tantas voltas pela escola.

Albertina chegou a sala de aulas preocupada, empurrou a porta lentamente, entrou jogando o seu charme para tudo que era canto e disse:

— Infelizmente não encontrei o Macon, professores. Acho que ele fugiu.

— Xé *mboa*, não fala à toa! Você tem a certeza? — perguntou Belo Fank, membro da staff do Macon. — Você só quer mesmo aumentar lenha na fogueira, Albertina. — Arroto a sua acusação.

— Belo Fank, me erra yha?! Estás tipo... Rhum! Não me façás, *miuxxx\** — retrucou Albertina.

O sumiço do Macon continuava a ser um enigma até aparecer um dos homens da segurança da escola que foi a procura do professor Da Cruz na sala mais famosa da Escola 1038. Logo, que o professor Da Cruz o viu defronte a porta, acenou com a mangueira, como sinal de que ele podia aproximar-se. O homem da segurança aproximou-se respeitosamente, tirou o seu chapéu de cor castanho da cabeça e bateu as botas ao chão que estavam cobertos de lama, lama da pequena horta que tinha lá na escola, horta que dava os legumes para a alimentação.

— Só a careca do Tio Segunda! Está tipo espelho das bruxas. — disse em surdina Zé Pequeno, o segundo homem da indisciplina e desordem na escola.

Os que tinham ouvidos bem afinados escutaram e começaram a debochar, era difícil entrar naquela turma e não transparecer de forma divertida. A conjugação de personalidades, hábitos e costumes, e a diversidade de faixa etária, tornava tudo mais lindo e complexo. Uma complexidade que dela resultou experiências que eles

preservaram até ao momento derradeiro de suas benditas vidas.

— Chefe, venho comunicar que o Macon estava lá na portaria e queria sair. Mas não aceitei, sei que nenhum aluno em situação normal, pode abandonar a escola sem chegar a hora de saída — informou, Tio Segunda. Parou por alguns segundos, ajeitou o cinto na farda, passou as mãos no seu rosto para limpar o suor que nele transbordava, e prosseguiu — quando me distraí um pouquinho, ele subiu no muro do lado das mangueiras e pulou para fora. Ainda por cima, ofendeu e me chamou de boelo. — delatou-lhe Tio Segunda, completamente indignado.

O professor Da Cruz ficou sem o que dizer durante cinco minutos. Respirou fundo e fraseou o adágio sobejamente conhecido:

— *Pau que nasce torto, morre torto.* — e acrescentou — alunos, vocês são como filhos para mim. A minha preocupação para convosco transcende, ou seja, vai além do meu compromisso enquanto professor. A escola é uma oficina de construção de conhecimento, cultivo de bons hábitos e formação de homens e mulheres que tornarão a nossa sociedade orientada por princípios que dão vida a

uma convivência agradável e frutífera. Sois vós o futuro do amanhã, não querem que os vossos pais tenham orgulho de vocês? — indagou.

— Queremos! — responderam em coro.

Satisfeito com a energia dos alunos, professor Da Cruz estendeu os seus profícuos conselhos.

— Muito bem, então evitem esse comportamento que só desprestigiam-vos, que suja o vosso nome enquanto estudantes. Queridos, a caminhada brilhante de um estudante depende muito da base que teve. Entendido?

— Simmm...! — Novamente a voz da turma fez-se ouvir.

— Vou retirar-me agora. Já roubamos muito tempo da professora Tânia! Mas amanhã o Macon não escapa, terá o castigo que merece. — prometeu professor Da Cruz. — chau e boa aula, meus filhos! — despediu-se.

No dia seguinte, Macon chegara muito cedo na escola para esconder-se na última carteira de modo que o professor Da Cruz não o visse caso o procurasse novamente. Esse era o primeiro passo, o segundo foi ameaçar os demais colegas para que não o mostrassem. Macon, assistiu os dois primeiros tempos com tranquilidade, o que lhe deu a

entender que o seu problema já estava abafado. Todavia, foi gozar o intervalo sem nenhuma preocupação, não que lhe fora feito uma armadilha.

— Doctor Macon, finalmente! — exclamou professor Da Cruz, agarrando-o fortemente nos dois braços.

— Eh Professor! Fiz o quê? Me deixa explicar, por favor! — implorava Macon, descaradamente tentando livrar-se das garras do professor Da Cruz.

— Como pode alguém que não sabe o que fez pedir para se explicar?! — interrogou-se o professor Da Cruz, entoando algumas risadas. — vocês já viram isso? — perguntou aos alunos que estavam arredor, acompanhando a captura do aluno que ganhou o título de “General” naquela escola, por causa da sua insuportável indisciplina.

— Nãooo! — responderam os colegas, com medo de serem espancados na hora da saída.

— Já não há tempo para explicação, general Macon! As casas de banhos estão a tua espera. Pega neste balde e no pano de chão para começares com o teu trabalho. Por outra, depois de limpares todas mas todas as casas de banhos mesmo, vais varrer a escola inteira. Força! —

comunicou professor Da Cruz, o castigo escolhido para o Macon pelas suas reprováveis acções.

— Jovem! Jovem! Jovem! — chamou insistentemente a voz doce e serena da secretária, que trouxera de volta Jorge Benedito a realidade, depois deste ter mergulhado num oceano profundo de memórias.

Na sua cabeça, apareceram memórias dos momentos mais marcantes e divertidos que vivera naquela escola. A escola que lapidou adolecentes como ele que hoje enquanto jovens, partilham com a comunidade em que estão inseridos e da mesma sorte com a humanidade, os frutos que desabrocharam da base daquele ciclo formativo.

— Sim, Senhora! Me desculpa, estava distraído. — respondeu Jorge Benedito.

— Sem problemas, dei conta que estavas noutra planeta. A directora Henda, já pode recebê-lo.

— obrigado! — agradeceu Jorge Benedito.

Jorge Benedito, levantou do quinto degrau da bancada de torcida, sacodiou as calças, limpou os sapatos, e dirigiu-se a sala da directora da sua eterna escola primária.

## SOBRE O AUTOR



**TERÊNCIO SONY**, nascido aos 27 de Setembro de 1997, na província do Uíge. Primeiro filho de 6 irmãos.

Fez os estudos primários na Escola 1038 e os secundário no PUNIV Comandante Nzangi – Kapolo I. Licenciando em Gestão de Recursos Humanos, no Instituto Superior Politécnico Atlântida.

Autor do e-book: Vestígios de Um Cárcere, publicado em 2022, pela Embondeiro Editora.

Professor e Assistente em Recursos Humanos. Comprometido com a busca de conhecimento e resolução de problemas sociais, participando de vários projectos solidários e académicos.



**A ROBUSTEZ DO CONHECIMENTO**